



# ANGÚSTIA, SENSUALIDADE E ENFRENTAMENTO DO FEMININO EM GABRIELA CRAVO E CANELA

 10.5935/2177-6644.20220033

ANGUISH, SENSUALITY AND FEMALE CONFRONTATION IN GABRIELA CRAVO E CANELA

ANGUSTIA, SENSUALIDAD Y CONFRONTACIÓN DE LO FEMENINO EN GABRIELA CRAVO E CANELA


Igor Felipe Benatti \*

 <https://orcid.org/0000-0003-4093-7693>

Josiane Cristina Bocchi \*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2657-9490>

Andreza Marques de Castro Leão \*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-5037-4882>

**Resumo:** O objetivo do artigo é discutir o sofrimento da protagonista de Gabriela Cravo e Canela (1958), de Jorge Amado. O método é o ensaio teórico e interpretativo e elementos da violência contra a mulher e da cultura patriarcal são discutidos. Observou-se que relações de poder, juízos valorativos e sexistas produziram angústia na protagonista e a fizeram posicionar-se na defesa da singularidade do seu desejo.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Violência contra mulher. Literatura Brasileira. Gabriela Cravo e Canela.


**Abstract:** The aim of the article is to discuss the suffering of the protagonist of Gabriela Cravo e Canela (1958), by Jorge Amado. The method is the theoretical and interpretive essay and elements of violence against women and patriarchal culture are discussed. Observed that power relations, evaluative and sexist judgments produced anguish in the protagonist and made her position herself in defense of the singularity of her desire.


**Key-words:** Sex Education. Violence against women. Brazilian Literature. Gabriela Clove and Cinnamon.


**Resumen:** El objetivo del artículo es discutir el sufrimiento de la protagonista de Gabriela Cravo e Canela (1958), de Jorge Amado. El método es el ensayo teórico e interpretativo y se discuten elementos de la violencia contra la mujer y la cultura patriarcal. Observó que las relaciones de poder, los juicios valorativos y sexistas produjeron angustia en la protagonista y la hicieron posicionarse en defensa de la singularidad de su deseo.

**Palabras-clave:** Educación sexual. Violencia contra las mujeres. Literatura Brasileña Gabriela Clavo y Canela.

\* Mestrando em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

 <http://lattes.cnpq.br/0245349002828085> - E-mail: [if.benatti@unesp.br](mailto:if.benatti@unesp.br).

\*\* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Assistente Doutora, lotada no Departamento de Psicologia da da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru) e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual (Mestrado profissionalizante) na mesma Instituição de Ensino Superior (UNESP/Araraquara).   
<http://lattes.cnpq.br/9529234724656394> - E-mail: [josiane.bocchi@unesp.br](mailto:josiane.bocchi@unesp.br).

\*\*\* Doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Livre Docente em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).  <http://lattes.cnpq.br/6817625850441625> - E-mail: [andreza.leao@unesp.br](mailto:andreza.leao@unesp.br).

“Como é mesmo seu nome? Gabriela para servir o senhor”  
(AMADO, 1978, p. 120).

## Introdução

Antes de adentrar na temática do presente artigo, é de suma importância conhecer Jorge Amado, escritor baiano, nascido em 1912, no interior da Bahia. Passou toda a sua infância na cidade de Ilhéus, mais conhecida como a terra do cacau. Tal cidade também foi palco para a obra *Gabriela Cravo e Canela* (1958). Na década de 1930, o escritor mudou-se para o Rio de Janeiro, onde cursou Direito e publicou o seu primeiro romance *O País do Carnaval*, em 1931. Além de escritor, de acordo com Aguiar (2018) e Fundação (2022), Jorge Amado também foi eleito Deputado Federal em 1945, tornando-se o autor da lei, ainda em vigor, que assegura o direito à liberdade de cultos religiosos no intento de mitigar a perseguição e a violência que as religiões de matrizes africanas sofreram (e ainda sofrem), conforme bem retratado em sua obra *Tenda dos Milagres*, de 1969.

baixaram o porrete, os gritos de dor de velho e mulheres, música maviosa, animavam os guerreiros no prosseguimento da missão civilizadora. Quando já não tinham a quem espancar, divertiam-se na destruição de atabaques, dos pejis, das camarinhas (AMADO, 1978a, p. 247).

No ano de 1955, Jorge afastou-se da militância política e, em 1961, ocupou a vigésima terceira cadeira na Academia Brasileira de Letras<sup>1</sup>. Veio a falecer em 2001, próximo de completar 89 anos de idade, na cidade de Salvador (FUNDAÇÃO, 2022; COMPANHIA, 2022).

cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Bahia. Igrejas suntuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis, antigos sobradões onde a miséria habita, ruas e ladeiras, calçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos, e o cais, principalmente o cais (AMADO, 1978b, p. 64).

Segundo Aguiar (2018), tal cidade foi palco de muitas das 36 obras escritas por ele, sendo 35 delas publicadas em vida. A maioria são romances que receberam inúmeros prêmios nacionais e internacionais, incluindo *Gabriela Cravo e Canela*, de 1958. Tal romance ficcional se passa no ano de 1925 e retrata o cotidiano da cidade de Ilhéus, sul da Bahia, no período coronelista, retratando os aspectos sociais, econômicos e políticos da época em razão do conflito entre o revolucionário e o conservadorismo (NASCIMENTO, 2018). Por meio dos personagens, é possível observar a representação da sociedade ilheense daquele período, contrastando a pobreza dos trabalhadores cacaueiros e o luxo dos coronéis, bem como a violência e a prostituição (ARAÚJO, 2014).

---

<sup>1</sup> Academia Brasileira de Letras (ABL) é uma instituição literária brasileira, fundada na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1897, por alguns escritores expoentes de tal período, objetivando o cultivo da língua portuguesa e da literatura brasileira (ACADEMIA, 2022).

Para Araújo (2014), Gabriela é a personagem principal de uma das obras mais conhecidas de Jorge Amado. Essa obra possui traduções em mais de 35 idiomas e diversas adaptações para diferentes mídias, como: novela, filme e seriado. Além disso, é utilizada como tema de diversas produções científicas. Neste artigo, o tema central extraído para análise é o amor, a paixão e o desejo entre o árabe Nacib e Gabriela, cheiro de cravo e cor de canela. Carregada de aspectos erótico passionais, a relação dos dois e, sobretudo, a sensualidade de Gabriela, fornecem elementos importantes para uma discussão específica sobre o lugar feminino representado pela protagonista e, precisamente, o caráter mobilizador do seu erotismo.

Moça órfã, vinda do sertão acompanhada de seu tio que morrera na travessia na fuga da seca: “Sou só no mundo. Meu tio vinha comigo, entregou a alma antes de chegar a Jeremoabo. A tal tísica... – e riu como se fosse coisa para rir” (AMADO, 1978, p. 119). Araújo (2014) afirma que Gabriela é a representação da mulher forte, retratada nas obras de Jorge Amado, e símbolo do rompimento da conjuntura social da época, pois é considerada por Santos *et. al.* (2017), como uma mulher simples e livre, que vai ao encontro de seus desejos, rompendo com as relações de poder oriundas do patriarcado que até então mantinha-se como sendo legítimo e necessário o feminicídio após o adultério por parte da mulher; pois a “honra do marido enganado lava-se com o sangue dos culpados” (AMADO, 1978, p. 308).

Em contraste, Gabriela, sempre ela, apresenta-se de forma jocosa, leve e quase pueril (“e riu como se fosse para rir”). O comentário do narrador deixa uma dúvida no ar, a ser desenvolvido logo mais: Gabriela é desprovida de malícia, tem um excesso de ingenuidade ou é simplória, uma tola? Retornar-se-á este ponto ao longo deste trabalho.

Esta personagem foi flagrada pelo seu marido na cama com Tônico Bastos e mesmo sendo poupada da morte após esse episódio de adultério, não escapou de ser vítima do fenômeno da violência física, em razão do seu desejo de existir enquanto Gabriela, que era diferente das outras mulheres que ocupavam a mesma posição social, assim, protagonizando o sofrimento feminino naquelas terras do cacau (HATSCHEBACH; FAVORETO, 2017).

Além disso, Gabriela também é alvo de extremo erotismo e desejo em razão de seu corpo hiper sexualizado, que corre livre pelas ruas, rebolando com as suas ancas, peitos, cabelos e sorriso postos em relevo, dona de uma sensualidade desconcertante para os padrões da época. Entretanto, Gabriela não era livre para desejar, tampouco para existir dentro do que lhe fazia sentido (OLIVEIRA, 2011).

É por meio da maneira em que o corpo e os comportamentos são representados dentro de um determinado contexto social, que ocorre a normatização e a repressão daquilo que é destoante da maioria ou considerado fora de um ideário disciplinar, culminando no sofrimento psíquico da pessoa (BOCCHI, 2020).

Nesse contexto, a normatização e a repressão da mulher, segundo Saffioti & Almeida (1995), é uma maneira de manter as relações de poder previamente estabelecidas sobre ela e interferir no corpo feminino, nos comportamentos e na forma dela existir, a fim de ajustá-la dentro dos padrões patriarcais e favorecer o controle acerca da sua autonomia e de suas possibilidades de escolha. Sendo assim, é notório o ideal social oriundo do patriarcado que pode culminar no sofrimento excessivo da mulher quando há a regulação das ações, a fim de transformá-las em desejáveis conforme tal ideário normativo e disciplinar (SAFFIOTI, 1997; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007; BOCCHI, 2021).

Considerando os diferentes aspectos presentes nesta renomada obra, este artigo tem por objetivo debruçar-se sobre o texto de Jorge Amado, a fim de colocar em evidência um certo sofrimento relacionado ao corpo, ao comportamento e à expressão de existir da protagonista de *Gabriela Cravo e Canela* (1958). É de suma importância ressaltar que este escritor é um grande expoente, à frente do seu tempo, e sua obra atravessa gerações. A linguagem e algumas expressões empregadas em suas obras são condizentes com a compreensão histórica e cultural do período de sua escrita, retratando a realidade da Bahia e do povo baiano da primeira metade do século XX.

Sendo assim, a terminologia do autor reflete concepções e preconceitos daquela conjuntura, à qual a sua escrita visava romper ao confrontar diversas questões sociais emergentes da época. Estas questões e as histórias dos personagens amadianos têm repercutido ao longo dos anos e atravessam a atualidade, como se espera demonstrar no presente trabalho, por meio da discussão sobre alguns posicionamentos de Gabriela.

## Método

O presente estudo é essencialmente de natureza qualitativa e descritiva, fundamentado na produção de um ensaio teórico e interpretativo que interroga alguns modos de violência contra a mulher, advindos da cultura patriarcal. Por meio da análise e discussão do romance *Gabriela Cravo e Canela*, publicado em 1958, por Jorge Amado. Os procedimentos de pesquisa consistiram na seleção de acontecimentos do romance, cenas e condutas das personagens, descrição do fenômeno e o confronto das hipóteses com uma determinada realidade (MAEDER; HOLANDA; COSTA,

2019).

Do mesmo modo, intencionou-se aqui articular esta análise com artigos científicos encontrados na base de dados *Google Scholar* e da plataforma de revistas acadêmico-científicas que trouxessem trabalhos de crítica literária das obras de Jorge Amado, bem como artigos que discutissem temáticas como corpo, sexualidade, violência de gênero e sofrimento. A relevância deste levantamento bibliográfico fundamenta-se no fato de que são escassos os trabalhos que se debruçam sobre tais temas de forma aproximativa ou mais integrada. Sendo assim, a não explicitação das diversas modalidades existenciais e expressões subjetivas do ser mulher, numa sociedade ainda patriarcal, pode vir a corroborar para a manutenção das formas de violência e para o sofrimento delas. Neste sentido, por meio deste artigo, busca-se apontar condutas e práticas sociais que buscam normatizar o feminino, desde o século anterior, até a atualidade.

Inicialmente, foi realizada a leitura na íntegra da obra em questão. Também, por meio das pesquisas nas bases de dados, foi empregado a leitura dos títulos dos trabalhos, assim como a leitura cuidadosa dos resumos, a fim de identificar a adequação de cada material com o objetivo deste estudo. Ademais, como critério de inclusão desses materiais para a análise, eles teriam que abordar de maneira direta ou indireta o corpo, a violência e o sofrimento da mulher, a fim de relacionar-se ao romance *Gabriela Cravo e Canela*.

## Resultados e Discussões

Algumas expressões do sofrimento feminino da personagem Gabriela podem ser observadas no decorrer do romance, principalmente, após o casamento da protagonista com o árabe Nacib. Uma vez que, após o matrimônio, Gabriela torna-se alvo constante de discursos e ações concretas dirigidas por algum ensejo de normatização, seja quanto ao seu modo de se vestir, falar ou reportar-se aos homens, a fim de adequá-la ao ideário social da época e à etiqueta esperada para uma mulher casada.

Para calçar sapatos era um inferno. Para não falar alto no cinema, não mostrar intimidade com as empregadas, não rir debochada, como antes para cada freguês do bar encontrado por acaso. Para não usar, quando saíam para passear, rosa atrás da orelha! Deixar conferência por um circo... (AMADO, 1978, p. 251).

Tais injunções passaram a fazer parte da vida da personagem e culminam na incompreensão dela com relação a tantas regras e na expressão do seu desagrado com o que lhe era proposto ou imposto: “Era capaz de ter de calçar sapatos todo dia... Gosto não... De calçar sapatos” (AMADO, 1978, p. 181).

Destaca-se que o discurso normatizante, segundo Praun (2011) e Nogueira (2001), é a maneira como as narrativas são organizadas e externalizadas a outrem, denotando a construção da subjetividade e a manutenção das relações sociais e de poder. Destarte, é de suma importância ressaltar que “poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1999, p. 89).

Nesse sentido, tudo o que é dito, inscreve-se no sujeito e o atravessa por meio de suas relações (BEIRAS *et al.*, 2008). Então, as repetidas recomendações assumem o caráter de reprimendas sobre Gabriela – deve-se calçar os pés, não dar risada alta, tampouco usar flor na orelha – e põem à mostra uma inferioridade subentendida, perceptivamente subliminar, sobre ela, quando comparada aos demais personagens que dispensavam essas aulas de etiqueta, uma pedagogia voltada para as mulheres de posse e eleitas pelo matrimônio.

De acordo com Araújo (2014), essa obra dispõe de diálogos curtos e objetivos, porém, por meio do conteúdo discursivo da personagem Gabriela, nota-se maior objetividade, se comparado aos de outros personagens. Além disso, o indicativo de negação, ostensivamente, presente em suas falas, sempre no final de suas frases, a diferindo dos outros personagens, exemplo: “importa não”, “quero não”, “tu pedindo não” (AMADO, 1978, p. 165 – 166).

Então, até mesmo a maneira como as falas da personagem é organizada no romance abre um precedente para indagar se trata-se de uma pessoa cognitivamente limitada ou um ser infantil, que justificasse a necessidade de ser moldado por práticas educativas. Ademais, a possível limitação aqui exposta também poderia ser interpretada como expressão de uma ingenuidade por parte da personagem, por vezes, pueril, pois os gostos e os comportamentos de Gabriela são apontados como inadequados à sua representação corpórea de mulher. De fato, ela é comparada a uma criança: “Ela sorria, era de medo ou era para encorajar? Tudo podia ser, ela parecia uma criança, as coxas e os seios à mostra como se não visse mal naquilo, como se nada soubesse daquelas coisas, fosse toda inocente” (AMADO, 1978, p. 147).

E apesar de toda a sensualidade que transborda em Gabriela, exultante e também desviante para os padrões da época, tais atributos, como seu perfume, movimento, cor da pele e suposta inocência, o erotismo exalado pela protagonista, por um lado, contribui para um certo lugar de receptividade ou submissão, tornando-a objeto de desejo dos homens. Por outro lado, Gabriela dá demonstrações de que é uma mulher que sabe o que quer e dona de um querer que se constrói dentro de um limite da vivência de sua realidade, portanto, dentro de uma suficiência. Vejam, ela

consegue aquilo que almeja por meio da sua expressão de existir de maneira sensualizada, como exemplo: contribuir para a fuga de seu amigo Fagundes.

Todavia, quando se demanda com insistência que alguém faça ou deixe de fazer algo, as palavras remetem uma posição valorativa em detrimento das escolhas do sujeito que recebe tais expectativas e exigências. Então, ela fazia concessões à sua liberdade (como aceitar usar sapatos!), desde que fosse para satisfazer as vontades do seu amado Nacib e, estando junto dele, satisfazer também às suas: “Era capaz de ter de calçar sapatos todo dia... Gosto não.... De calçar sapatos. De casar com seu Nacib, era até capaz de gostar. Ficar a vida toda cozinhando para ele, ajudando ele” (AMADO, 1978, p. 181). Aqui, temos uma situação em que Gabriela faz uma concessão do seu desejo (andar livre de sapatos, com os pés nus), só para satisfazer seu desejo amoroso.

Gabriela estava calcada na ética do seu desejo inconsciente, e ao fim do dia queria apenas se deitar com Nacib: “Talvez fosse noite dele vir a seu quarto, o cosquento bigode no seu cangote, a perna pesada sobre sua anca, o peito macio como um travesseiro” (AMADO, 1978, p. 356). Anteriormente, foi demarcado o traço pueril de Gabriela ao rir de coisas aparentemente sem sentido e extrair prazer de coisas simples (ver o circo passar, dançar roda com as crianças na praça). Todavia, essas características da personagem podem, agora, ser reformuladas da seguinte maneira: seriam marcas de uma franca ignorância ou correspondem a um modo de ensinar uma emancipação feminina, mesmo que não sabida? O que parecia sem sentido para Nacib pode, antes, responder a uma outra lógica, presente no mundo da personagem, animado por uma economia psíquica criativa, despreziosa e potencialmente emancipatória.

A aparente ingenuidade de Gabriela não passa despercebida para o narrador, pois em diversos momentos, ao descrever os gestos da personagem, ele emprega a expressão ‘como se’, já deixando subentendido que o que se encontra em primeiro plano não é que ela desconhecesse seu corpo e os limites da compostura, mas é algo de outra ordem, mas que fica apenas entrevisto ou sugerido: “como se não visse mal naquilo, como se nada soubesse daquelas coisas, fosse toda inocente” (AMADO, 1978, p. 147). Neste artigo, defende-se que ela tem um saber sobre si e sobre o seu corpo, o que ele pode ou não fazer. A sensualidade de Gabriela pode ser pensada a partir de um campo de possibilidades que se abre com seu erotismo, cuja simplicidade é desconcertante e, por isso mesmo, possui um potencial afetivo despolarizador e transformador.

Vale lembrar que, ao final do século XIX, a escuta do desejo sem lugar no campo social, o desejo não verbalizado de outras mulheres, as chamadas histéricas, deu origem à psicanálise. Para a psicanálise, o sexual afirma um permanente desacordo com o social, como Freud discute em *Moral*

*sexual 'civilizada' e a doença nervosa moderna* (1908/1996), como o fundamento cultural das neuroses e, em *Mal-Estar na Civilização* (1930/1996), como quando o desencontro é conflitivo e produz a angústia. A impossibilidade de ajuste da sexualidade às normas sociais aponta para como as imposições normatizadoras são opressoras e, por isso, estão na base de muitas formas de sofrimento.

Pretende-se, agora, indicar a angústia da personagem principal em razão de um processo disciplinar, o qual visava ajustá-la aos modelos e padrões vigentes daquela sociedade em que Gabriela passa a fazer parte devido a seu casamento com Nacib. Em outras palavras, quando buscam transformar a sua maneira de existir como Gabriela para a Sra. Saad e no trecho a seguir, retirado da obra, isso se torna claro.

- Posso não? Andar descalça, de pé no chão?
- Não pode.
- E por quê?
- Você é uma senhora, de posses, de representação.
- Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela... (AMADO, 1978, p. 235).

Assim, é notório o risco de perda da identidade quando a protagonista é proibida de andar descalça, sendo pressionada ou mesmo obrigada a pôr sapatos para emoldurar-se àquela conjuntura espaço temporal, fortemente influenciada pelo patriarcado que tem como um dos seus preceitos a construção da imagem da mulher como sexo frágil. Sendo esta, talvez, uma das condições para adquirir o *status* de uma mulher casada. No entanto, a personagem posiciona-se subjetivamente, ao reafirmar sua própria identidade: 'Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela'. Cabe ressaltar a presença de tal sistema que ditava como necessário e ideal que as mulheres realizassem os desejos e as vontades de seus maridos, demonstrando obediência, passividade e, eventual, inferioridade a eles.

Além dos sapatos, outras expressões existenciais de Gabriela são interpretadas como inadequadas e desviantes em relação às expectativas e imagens projetadas para a feminilidade do período, quando comparada às demais mulheres da época, como exemplo, o seu gosto pelo circo, ao invés de frequentar conferências e outros espaços valorizados pela alta sociedade ilheense, bem como, brincar de roda com as crianças, dançar e cantar pelas ruas na folia de reis, também, a sua amizade com o moleque Tuísca. Logo, ao ser proibida também destes feitos, nota-se o sofrimento da personagem, ao ponto de considerar que viver não era mais bom, porém, apesar da angústia, Gabriela resistia.

Badalotti *et al.* (2019) afirmam que a pessoa só pode ser compreendida quando lançada e podendo existir no mundo habitado por ela mesma e os demais de sua cultura. Assim, considerando Dias & Moreira (2011), ressalta-se que a personagem é alvo do discurso que tem o objetivo pôr em



evidência seu modo de existir, como inapropriado e discrepante, em relação às aspirações normativas da sociedade de Ilhéus; culminando, assim, no sofrimento e na angústia de Gabriela por forçá-la a ser diferente.

Bocchi (2021) argumenta que quando a maneira da pessoa existir se encontra fora do padrão temporal e espacial, ela fica à mercê do discurso normatizador e a resistência, como aqui mencionado, pode culminar nas diversas maneiras de violência. Dito isto, é importante ressaltar que a violência contra a mulher é um fenômeno complexo, recorrente e de múltiplas causas, bem como, é definido como toda e qualquer ação embasada na desigualdade de gênero e capaz de comprometer o desenvolvimento humano e a saúde física ou psíquica da mulher (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995).

Mesmo diante de todo o sofrimento, Gabriela se mostrava pertencente ao sistema patriarcal e demonstrava o gosto e a necessidade em satisfazer o seu marido no dia-dia e na cama, fazendo-o sentir-se dono de toda aquela sensualidade evidente e presente em praticamente toda a obra que aqui é representado pela seguinte citação: “os lábios de beijos e dentadas, sorriu com os seios erguidos e palpitantes, com as coxas de labaredas, com o ventre de dança e de espera” (AMADO, 1978, p.354).

Assim como as outras mulheres daquela época, Gabriela mesmo despertando forte interesse nos homens, era proibida de desejar ou de ter relações extraconjugais, diferentemente dos homens, para os quais as vivências fora do casamento eram justificáveis mediante determinadas circunstâncias (se a esposa estivesse sexualmente indisponível, se ele estivesse insatisfeito). Nesse ínterim, a maneira de Gabriela se vestir e se comportar também começam a ser alvo de regulações do marido: “Ele tinha ciúmes... que engraçado! Não queria ofendê-lo, era homem tão bom! Tomaria cuidado, não queria magoá-lo. Só que não podia ficar sem sair de casa, sem ir à janela sem andar na rua. De boca fechada, de riso apagado” (AMADO, 1978, p. 203). Todavia, fica claro a ausência de compreensão de Gabriela, que sofre os efeitos da proibição de sentir atração por outros homens: “Só porque a encontrara na cama a sorrir para Tônico. Que importância tão grande, por que tanto sofrer, se ela deitava com um moço? Não tira pedaço, não ficava diferente, gostava dele da mesma maneira, e não podia ser mais” (AMADO, 1978, p. 316).

Dessa maneira, a forma como se dá o olhar de Gabriela acerca do adultério foge do ideário normativo e disciplinar, tendo o descumprimento das relações de poder, que foram previamente estabelecidas, culminando na violência física.

Por que, em vez de matá-la, apenas a surrou, silenciosamente, sem nenhuma palavra, pancada de criar bicho, deixando manchas de um roxo escuro quase violeta, em carne cor de canela? Ela tampouco falou, não deu um grito, não soltou um soluço, chorava calada,

apanhava calada... Naquele momento não a amava Nacib. Não a odiava tampouco. Batia mecanicamente como o relaxar os nervos.

De acordo com Saffioti (2004), as configurações da violência contra a mulher não ocorrem isoladamente, sendo comum a presença da violência psicológica e moral em qualquer forma de agressão, evidenciando com potencial efeito, o sofrimento de Gabriela. E considerando a afirmação de Buss & Pellegrinni Filho (2007) e Bocchi (2021), nota-se que tal sofrimento identificado nesta obra se dá também em razão da demonstração do controle de Nacib sobre a autonomia e a restrição das possibilidades de escolhas da personagem, interferindo no corpo, nos comportamentos e na expressão de existir da protagonista, a fim de enquadrá-la nos parâmetros sociais da época.

Ela quer ir ao circo, ele a arrastava para a conferência enfadonha, soporífera. Não a deixava rir por um tudo ou por um nada como era o seu costume. Reprendia-a a todo momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual as senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes. ‘Não fale alto, é feio’ cochichava-lhe no cinema. ‘Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos’. ‘Com esses sapatos, não. Bote os novos, para que tem?’. ‘Ponha um vestido decente’. ‘Vamos hoje visitar a minha tia. Veja como se comporta’ ... ‘Vamos visitar dona Olga, se é aborrecida eu não sei, é nossa madrinha’. ‘Por que não usa suas joias, comprei para quê?’ (AMADO, 1978, p. 284).

Contudo, Nacib não sabia que “tem certas flores que murcham nos vasos” (AMADO, 1978, p. 310). E ao compreender e aceitar que Gabriela era uma flor dos campos e que não servia para os jarros, ele a poupou da morte, rompendo então, com a ideologia daquele tempo e espaço em que a “honra do marido enganado lava-se com sangue dos culpados” (AMADO, 1978, p. 308).

Por fim, Gabriela e Nacib se divorciaram e a protagonista deixa de ser a Sra. Saad, retornando para o seu lugar de amante e de cozinheira do bar e, por conseguinte, possibilitando a continuidade desta história de amor, porém, numa configuração em que *Gabriela é apenas Gabriela*, e não mais a esposa do Sr. Nacib. Tal configuração possibilita uma maneira mais singular de ser ela mesma, ou seja, retornando aos sentidos e expressões próprias de sua existência. O rompimento da união formal com o marido isenta-a de ter que atender aos imperativos normativos do discurso social, este que incide sobre a mulher e o corpo feminino, exercendo uma regulação que, muitas vezes, culmina no sofrimento e em modalidades de violência contra a mulher.

Folgava Gabriela, viver era bom. Batia onze horas, voltava para a casa esperar seu Nacib. Talvez fosse noite dele vir a seu quarto, o cosquento bigode no seu cangote, a perna pesada sobre sua anca, o peito macio como um travesseiro. Em casa amassava o gato contra o rosto, ele miava baixinho. Ouvia dona Arminda falar dos espíritos e dos meninos nascendo. Esquentava o sol nas manhãs sem chuva, mordida goiabas, vermelhas pitangas. Conversava horas perdidas com seu amigo Tuísca agora estudando para carpina. Corria descalça na praia, os pés na água fria. Dançava roda com as crianças na praça. Espiava o luar esperando Nacib. Viver era bom (AMADO, 1978, p. 356).

Quando Nacib finalmente reconhece que Gabriela era uma flor que crescia nos campos e que não servia para os vasos, ele a poupa não apenas da morte real por feminicídio, mas também a poupa de uma morte simbólica. Esta morte que se daria pelo apagamento da subjetividade da personagem e de suas peculiaridades, expressas pelos diversos posicionamentos de Gabriela que insistiam em buscar uma liberdade essencial: “Viver era bom”. A conquista de uma autonomia possível para Gabriela, e que não conflitasse com o amor por Nacib, corresponde à apropriação de um lugar feminino ligado ao caráter mobilizador do seu erotismo, o que teve impactos culturais externos e efeitos específicos na subjetividade da personagem.

### Considerações Finais

Foi possível notar que o discurso normatizante tem o intento de transformar o corpo em um lugar de regulação social, a partir do qual se faz uma ancoragem para a inserção de novos comportamentos e hábitos desejáveis, configurando um conjunto de práticas educativas que interferem na autonomia e na liberdade das escolhas, com consequências como injunções opressoras (“Não fale alto, é feio”; “Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos”). Em *Gabriela Cravo e Canela*, tal discurso transcende a questão corpórea que ocupa o lugar de desejo e paradoxalmente de repressão. Nesse interim, evidenciando a tentativa de tolher a autonomia da protagonista e restringir certas escolhas e, assim, manter as relações sociais, de poder e o pacto conjugal dentro dos limites previsíveis.

No entanto, o sofrimento da personagem principal é interrompido e viver passa a ser bom novamente, como bem mencionado por Jorge Amado, quando as diversas maneiras de existir de Gabriela são aceitas, deixando-a livre, de forma a ser e a existir sem as imposições das narrativas sociais. Afinal, “Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela” (AMADO, 1978, p. 314). Frente ao exposto, há o seguinte questionamento: quantas Gabrielas existem na atualidade e sofrem com as tentativas de serem explicadas? Em outras palavras, muitas mulheres ainda são vítimas de ações normativas e disciplinares que advém da estrutura patriarcal dominante, o que corrobora com diferentes formas de violência contra a mulher e de violações à sua busca particular e sempre desejante.

### Referências

ACADEMIA Brasileira de Letras. **Quem somos/Fundação**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/>. Acesso em 11/01/2022.

- AGUIAR, J. A **Biografia de Jorge Amado**. São Paulo: Todavia, 2018.
- AMADO, J. **Gabriela Cravo e Canela**. Rio de Janeiro: Record, 1978. (Original publicado em 1958).
- AMADO A, J. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 1978. (Original publicado em 1935).
- AMADO B, J. **Tenda dos Milagres**. Rio de Janeiro: Record, 1978. (Original publicado em 1969).
- ARAÚJO, C. F. **Nem do cravo, nem da canela: o entre-lugar da mulher mestiça em Gabriela de Jorge Amado**. Dissertação (Mestrado em Literatura), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – USFC, 2014.
- BADALOTTI, T. S. *et. al.* O enfrentamento ao fenômeno discriminatório em uma população de adultos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 29, n.4, 2019, p. 1-23.
- BEIRAS, A. *et al.* Sexo e Gênero em Revistas: uma análise preliminar de discurso. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, 2008, p. 97-104.
- BOCCHI, J. C. Anomina e Hipocondria nas relações entre corpo, saúde e sofrimento na contemporaneidade. **Sofia**, v. 9, n. 2, 2020, p. 188-203.
- BOCCHI, J. C. Corpo, Subjetividade e o Discurso da Saúde: ensaio para profissionais da saúde. **Motricidades**, v. 5, n. 1, 2021, p. 80-92.
- BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **Revista Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, 2007, p. 77-93.
- COMPANHIA das Letras. **Jorge Amado**. 2022. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02516>. Acesso em 10/01/2022.
- DIAS, D. A. S; MOREIRA, J. O. As Vicissitudes dos Conceitos de Normal e Patológico: Relendo Canguilhem. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 1, 2011, p. 77-85.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FREUD, S. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. Trad. J. O. Aguiar de Abreu & C. M. Oiticica. In J. Salomão (Org.), **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 167-186.
- FREUD, S.. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1930).
- FUNDAÇÃO casa de Jorge Amado. **Biografia de Jorge Amado**. 2022. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/#>. Acesso em 10/01/2022.
- HATSCHEBACH, B; FAVORETO, A. Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado:

da subserviência às transgressões em Gabriela, cravo e canela. **Revista Rebela**, v. 7, n. 2. 2017, p. 356-373.

MAEDER, B. J; HOLANDA, D. F; COSTA, I. I. Pesquisa Qualitativa e Fenomenológica em Saúde Mental: Mapeamento como Proposta de Método Descritivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 35, 2019, p. 1-9.

NASCIMENTO, A. S. B. Erotismo e Identidade Negra na Obra Amadiana Gabriela Cravo e Canela. **Revista Garrafa**, v. 16, n. 44, 2018, p. 113-128.

NOGUEIRA, C. Feminismo e Discurso de Gênero na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social**, 2001.

OLIVEIRA, S. A. Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 4, 2011, p. 23-30.

PRAUN, A. Sexualidade, Gênero e suas Relações de Poder. **Revista Húmus**, n. 1, 2011, p. 55-66.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B; ALMEIDA, S. S. **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SANTOS, D. M. *et al.* Gabriela, cravo e canela: algumas considerações sobre a mulher no cenário social. In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. **Enfope**, 2017.

*Recebido em: 29 de junho de 2022.*

*Aprovado em: 13 de agosto de 2022.*